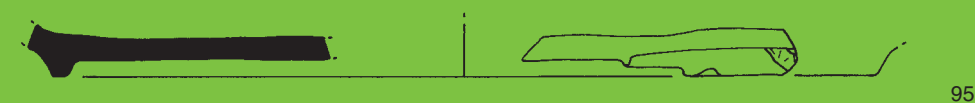


Figura 1
Achados nºs 5, 18F, 21B', 38L,
43U, 47J, 74, 95, 99B e 122
da Ermida do Mártir Santo

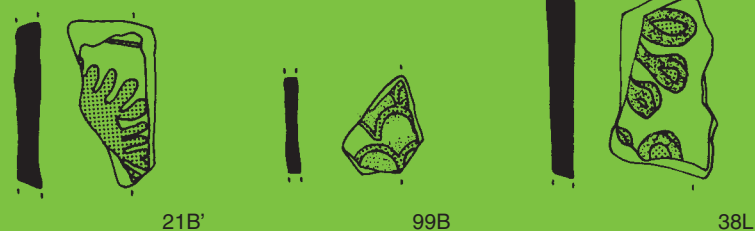


Esc. 1/1



18F

- Azul cobalto médio
- Azul cobalto escuro
- Azul cobalto claro
- Branco
- Manganês
- Verde
- Amarelo
- Laranja



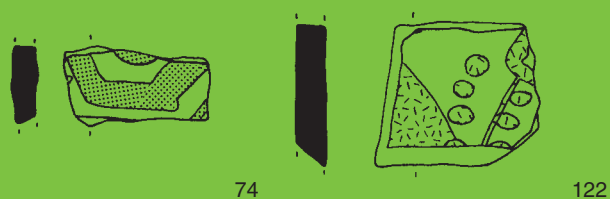
21B'

99B

38L



47J



74

122



5

Os materiais datantes da Ermida do Mártir Santo (Vila Franca de Xira)

MARINA PAIVA PINTO & MARIA MULIZE FERREIRA*

* ERA-Arqueologia, Lda, Cç. da Picheleira, 46 E, 1900-372 Lisboa

1. Introdução

Apresenta-se seguidamente o estudo cronológico de alguns dos materiais exumados durante as três campanhas de escavação realizadas na Ermida do Mártir Santo, Vila Franca de Xira, durante o ano de 1999 (cf. FERREIRA & MACEDO, 1999a, 1999b e 2000, FERREIRA & RAMOS, 1999). O estudo dos materiais arqueológicos provenientes de escavações tem dois tipos de objectivos. O mais imediato relaciona-se com a compreensão da

formação do sítio arqueológico em si, pois são essenciais para a datação e compreensão das actividades humanas que resultaram na formação da estratigrafia de onde foram recolhidos. O valor desta informação depende, no entanto, dos contextos arqueológicos de proveniência dos materiais, sobretudo na definição dos contextos primários ou secundários de deposição. Um contexto primário de deposição é aquele onde o material ficou logo que deixou de ser usado. Apesar de não ser o contexto de utilização do material,

5

é aquele que lhe está mais perto e, portanto, possibilita uma melhor informação sobre a forma e o período em que o objecto foi usado. Se for um objecto de cronologia conhecida, pode ajudar a datar o contexto em que foi encontrado. Ou se esse contexto for datado por formas independentes ao objecto, este será datado pelo contexto. Um contexto secundário de deposição significa que o objecto foi removido do seu contexto primário devido a actividades humanas ou naturais, como, por exemplo, a abertura de uma vala, que deslocou um determinado objecto e os depósitos a ele associados, para outro local. Os processos que conduzem à formação dos contextos secundários resultam, muitas vezes, não só do deslocamento de depósitos e materiais como na mistura de contextos primários ou secundários de períodos e formação diferentes. Neste caso, nem sempre é possível identificar as actividades nas quais foram utilizados os objectos. Também não se podem utilizar todos os objectos para datar o contexto em questão e sobretudo não se pode usar o contexto (mesmo que se tenha conseguido datá-lo por outros meios) para datar o objecto. Ora a maioria dos objectos

2. Moedas

Foram exumadas 8 moedas nas intervenções arqueológicas da Ermida do Mártir Santo, Vila Franca de Xira. A maioria é proveniente da u.e. 171, da Fase VIIIa, que forneceu dois ceitis e um dinheiro.

A Fase Xa forneceu dois ceitis, um proveniente da u.e. 88, cujo reinado de emissão não foi possível identificar, uma vez que os elementos tipológicos, embora visíveis, se encontram muito desgastados, e outro recolhido na u.e. 59.

Na fase XI foram exumados dois numismas, um ceitel proveniente da u.e. 82, cujo reinado de emissão não foi possível identificar devido ao desgaste dos elementos tipológicos, e uma moeda de três reais proveniente da u.e. 76. Foi ainda recolhido na u.e. 153, da Fase IIIb, um real preto.

Estas moedas forneceram a seguinte informação:

Fase	UE	Achado nº	Espécie	Reinado	Cronologia
IIIb	153	331	Real Preto	D. Duarte I	1433-1438
VIIIa	171	271	Ceitel	D. Afonso V	1448-1449
		287	Dinheiro	D. Afonso III	1248-1279
		288	Ceitel	D. Afonso V	1457
Xa	59	231	Ceitel	D. Afonso V	1448-1449
		88	254	Ceitel	
XI	76	236	3 Reais	D. Sebastião I	1557-1578
		82	270	Ceitel	

CONCENTROU-SE A ANÁLISE

NOS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

PASSÍVEIS DE FORNECER

INFORMAÇÃO CRONOLÓGICA,

QUE PERMITA AFERIR A VALIDADE

DA SEQUÊNCIA ESTRATIGRÁFICA

IDENTIFICADA

recolhidos na Ermida do Mártir Santo encontravam-se em contextos secundários de deposição que resultaram de sucessivos revolvimentos de terra, devido a fases de remodelação das estruturas arquitectónicas. Portanto, o estudo dos materiais arqueológicos provenientes deste sítio só muito dificilmente forneceria informação directa sobre o seu contexto de utilização.

Concentrou-se a análise nos materiais arqueológicos passíveis de fornecer informação cronológica, que permita aferir a validade da sequência estratigráfica identificada (Ferreira & Macedo, 2000) durante a escavação e a cronologia proposta para esta sequência. Foram, portanto, estudadas as moedas e faianças registadas como achados no decorrer da escavação.

Os ceitis são as moedas predominantes formando cerca de 62% do total da amostra, os restantes 38% encontram-se repartidos por um dinheiro, um real preto e uma moeda de três reais.

A maioria dos ceitis foi cunhada no reinado de D. Afonso V (n.º de achado 231, n.º de achado 271 e n.º de achado 288). É provável que a abundante emissão de ceitis neste reinado esteja relacionada com a expansão portuguesa em África, onde o cobre e o latão, entre outras mercadorias, funcionavam como instrumento de troca (Tavares, 1983: 288).

Quando não foi possível identificar o reinado de emissão dos ceitis (n.º de achado 254 e n.º de achado 270), optou-se por apresentar o período de tempo em que foram cunhados, ou seja entre o reinado de D. Duarte I e de D. Sebastião (1433-1580). As moedas recolhidas apresentam datações que abarcam o período temporal entre meados do século XIII (n.º de achado 287) e meados do século XVI (n.º de achado 236).

3. Faianças

Foram recolhidos nas intervenções arqueológicas da Ermida do Mártir Santo 217 fragmentos de faiança, sem que, no entanto, nenhum permitisse uma reconstituição completa de recipientes, e os raros que se podem atribuir ao mesmo recipiente não foram encontrados associados espacialmente, embora sejam provenientes da mesma unidade ou tenham sido recolhidos após a limpeza do mesmo Corte, à excepção do fragmento de bojo (n.º de achado 131) proveniente da u.e. 36, e do fragmento de bordo (n.º de achado 15j) recolhido após a limpeza do corte Sudoeste na Área 2, que pertencem provavelmente ao mesmo recipiente. Este facto permite-nos confirmar que os fragmentos de faiança recolhidos estão em contextos secundários de deposição.

A maioria dos fragmentos é proveniente da limpeza dos cortes da Área 2 e só 46% apresentam unidade estratigráfica de proveniência. No quadro, ao lado, apresenta-se a distribuição dos fragmentos em questão, pelos contextos e fases de proveniência em frequências absolutas (F.A.), assim como da sua distribuição por fases em frequências relativas (F.R.). Note-se que na u.e. 6 da Fase XII se concentra a maior percentagem de fragmentos recolhidos com contexto.

Fase	UE	F.A.	F.R.
S/ contexto		119	119
VIIIb	176	5	5
IXa	173	1	1
	26	14	
	29	2	18
	81	1	
Xa	84	1	
	28	7	14
	36	5	
	64	1	
Xb	83	1	
	7	4	11
XI	12	7	
	3	1	3

AS MOEDAS RECOLHIDAS

APRESENTAM DATAÇÕES QUE

ABARCAM O PERÍODO TEMPORAL

ENTRE MEADOS DO SÉCULO XIII

(N.º DE ACHADO 287) E MEADOS DO

SÉCULO XVI (N.º DE ACHADO 236).

NA U.E. 6 DA FASE XII

CONCENTRA-SE A MAIOR

PERCENTAGEM DE FRAGMENTOS

RECOLHIDOS COM CONTEXTO.

A MAIORIA DOS FRAGMENTOS DE

FAIANÇA, PASSÍVEIS DE DATAÇÃO,

PERTENCEM AO SÉC. XVII.

Fase	UE	Achado n.º	Paralelos	Cronologia
Corte NO		33l	Terrina – Fundação Ricardo Espírito Santo (Pais <i>et alii</i> , 1998: 69-70)	Finais do Século XVIII
		34z		Finais do Século XVIII-1.ª Década do Século XIX.
		39b		
		39d		
		21b'	Prato – Museu Machado de Castro (Stapf, 1997: 26).	Século XVII
		21e'		Finais do Século XVIII-1.ª Década do Século XIX.
		21p'		Século XVII
		21s		Século XVII - XVIII.
	21x		Século XVII	
VIIIb	176	311	Prato – Ateneu Comercial do Porto (Calado <i>et alii</i> , 1997: 25).	1.ª Metade do Século XVII
IXb	26	89		Século XVII
		99b	Prato – Museu Nacional de Cerâmica de Valência (Falcão e Coll Conesa, 1992: Est. VII).	
		99n		
		81 251		
Xa	28	95	Prato – Museu Municipal de Viana do Castelo (Stapf, 1997: 22).	Século XVII
		64	Prato – Ateneu Comercial do Porto (Calado <i>et alii</i> , 1997: 25).	1.ª Metade do Século XVII
Xb	12	74	Prato – Museu Municipal de Viana do Castelo (Stapf, 1997: 18).	Século XVII
		79		
XI	99	246	Prato – Ateneu Comercial do Porto (Calado <i>et alii</i> , 1997: 24).	1.ª Metade do Século XVII
XII	6	38l	Prato – Ateneu Comercial do Porto (Calado <i>et alii</i> , 1997: 46).	Séculos XVII-XVIII
		38o	Terrina – Fundação Ricardo Espírito Santo (Pais <i>et alii</i> , 1998: 69-70).	Finais do Século XVIII
		43u	Prato – Ateneu Comercial do Porto (Calado <i>et alii</i> , 1997: 46).	Século XVII-XVIII
		8	59	

O quadro anterior permite perceber que a maioria dos fragmentos de faiança, passíveis de datação, pertencem ao séc. XVII.

As faianças portuguesas começaram a ser produzidas, segundo fontes documentais, na segunda metade do século XVI (Stapf, 1997: 14). Dos fragmentos recolhidos na Ermida do Mártir Santo, não há nenhum fragmento representativo das produções desta época.

A faiança dos inícios do século XVII está representada na Ermida do Mártir Santo pelos fragmentos com os n.ºs de achado 240, 246 e 311. A produção deste período caracteriza-se por peças pintadas a azul-cobalto sobre esmalte esbranquiçado ou amarelado, revelando por vezes defeitos de porosidade. A temática decorativa revela influências da cultura chinesa. Os pratos e os

potes, as formas mais comuns, revelam um gosto pelos motivos decorativos chineses expressos nas porcelanas, um produto muito procurado atingindo por isso preços elevados, que os oleiros portugueses se esforçaram por imitar, criando um produto exteriormente semelhante à porcelana, mas economicamente mais acessível (Falcão e Coll Conesa, 1992, 53-4).

De fabrico posterior, meados do século XVII- inícios do século XVIII são os exemplares recolhidos com os números de achado 43u, 21s, e 38l. Nesta época começam a aparecer peças com motivos decorativos pintados a azul-cobalto e contornados a manganês, mas ainda é visível na temática decorativa a influência das produções chinesas.

Os exemplares recolhidos na Ermida do Mártir Santo são provavelmente de fabrico coimbrão, uma vez que

apresentam os mesmos padrões decorativos que os exemplares fabricados em Coimbra existentes no Ateneu Comercial do Porto (cf. quadro anterior).

O n.º de achado 21b' proveniente da limpeza do Corte Noroeste é provavelmente um exemplar produzido pela fábrica de Monte Sinai que laborou em Lisboa entre a segunda metade do século XVII e meados do século XVIII. Os exemplares produzidos por esta fábrica caracterizam-se pela pintura a azul-cobalto e pela temática decorativa, onde predominam, nas abas dos pratos, os motivos florais (como é o caso do fragmento exumado na Ermida do Mártir Santo), combinados com diversos motivos Ming.

A faiança setecentista, considerada pelos especialistas como o período de apogeu das produções nacionais,

OS PARALELOS AQUI ESTABELECIDOS BASEIAM-SE NO PADRÃO DECORATIVO E MATRIZ CROMÁTICA

caracterizada por uma maior criatividade, visível na variedade cromática e temática decorativa, está representada na Ermida do Mártir Santo pelos fragmentos recolhidos na u.e. 6 (n.º de achado 38o), e na limpeza do Corte Noroeste (n.º de achado 33l), cujos padrões decorativos se assemelham a um exemplar da Fundação Ricardo Espírito Santo. E pelos fragmentos com os números de achado 39b, 39d, 34z e 21e', provenientes da limpeza do Corte Noroeste, considerados pelas suas características, produções de Estremoz.

Nesta região produziu-se faianças entre 1770 e 1808. As primeiras produções, a azul-cobalto sobre

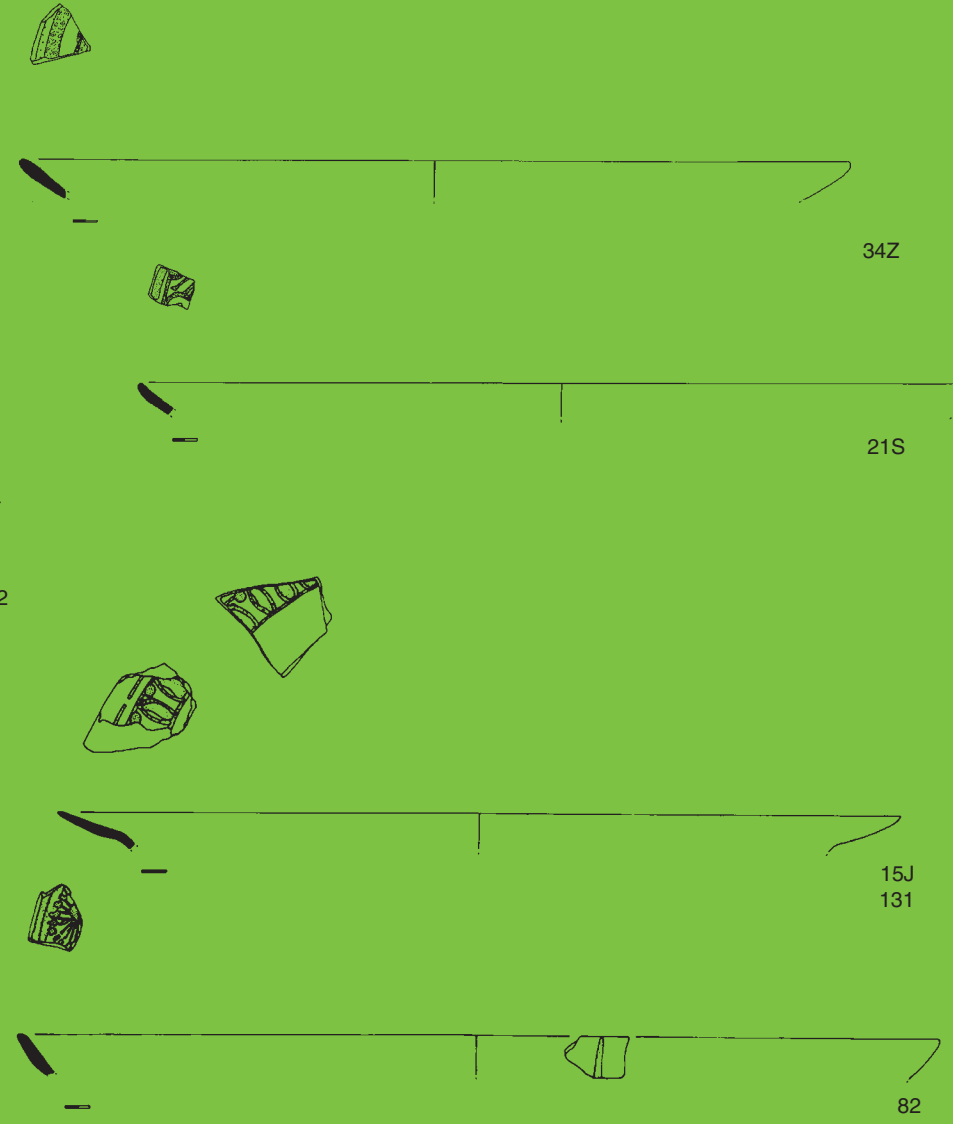


Figura 2
Achados n.ºs 34Z e 21S da Ermida do Mártir Santo

Figura 3
Achados n.ºs 15J, 131 e 82 da Ermida do Mártir Santo

Esc 1/3

esmalte esbranquiçado, depressa foram substituídas pelas produções com decoração policroma, a violeta, amarelo e verde (o denominado verde-azeitona d'Elvas), cores visíveis nos fragmentos recolhidos na Ermida do Mártir Santo. Outra das características destas faianças é a diversidade da temática decorativa, sendo raro identificar duas peças com elementos decorativos idênticos (Stapf, 1997:72), de onde advém a dificuldade em encontrar paralelos para os fragmentos recolhidos na Ermida do Mártir Santo. Esta dificuldade é acrescida pelo facto de se tratarem de fragmentos pequenos que não pertencem ou não abrangem totalmente a parte central do prato, importante para a definição do grupo temático (decoração floral, rosetas, paisagens, e motivos diversos).

Note-se que os exemplares recolhidos que permitiram uma reconstituição da forma são pratos decorativos (cerca de 33 cm de diâmetro), e que uma das características das produções de Estremoz é precisamente o fabrico deste tipo de pratos, tendo-se produzido muito poucos serviços de mesa (Stapf, 1997: 72).

É atribuído ao século XIX um fragmento de forma indeterminada (n.º de achado 59), provavelmente produzido pela fábrica de loiça de Sacavém. Trata-se de um fragmento

com uma estampa do conhecido motivo cavalinho, de influência inglesa.

Os paralelos aqui estabelecidos baseiam-se no padrão decorativo e matriz cromática. No entanto, não podemos afirmar que se tratam de exemplares iguais, uma vez que as formas, por vezes, variam, e mesmo em exemplares com a mesma forma, os fragmentos recolhidos são demasiado reduzidos para afirmar tal com segurança, pois a temática decorativa varia muito, principalmente no centro dos pratos.

Não foi possível identificar locais de fabrico para além dos enumerados, uma vez que não foram recolhidos fragmentos com marca. De resto, o valor desta informação é mínimo, visto que, dos fragmentos a que foi possível atribuir a origem, só três se encontram contextualizados (números de achado 38l, 43u e 59). Assim não é possível perceber qualquer ritmo preferencial de consumo dos produtos das várias fábricas.

A identificação das formas foi dificultada pelo tamanho reduzido dos fragmentos, que por vezes pertencem a partes do recipiente que não permitem reconstituição de forma, como é o caso da maioria dos bojos. As formas são maioritariamente abertas, cerca de 64%, os restantes 36% pertencem a fragmentos cuja forma não foi possível

determinar. Os pratos são as formas mais representadas (cerca de 52%), embora também tenham sido exumados fragmentos pertencentes a taças (cerca de 10%) e a tigelas (cerca de 1%).

Os pratos são maioritariamente provenientes de Unidades Estratigráficas das Fases IXb, Xa e sobretudo da Fase XII, embora também se encontrem representados em Unidades Estratigráficas das Fases VIIIb, IXa, Xb e XI. As taças estão

4. Conclusão: os dados cronológicos

Dos 225 materiais arqueológicos (217 fragmentos de faiança e 8 moedas) estudados, apenas 14% forneceram alguma informação cronológica. Percentagem que diminui se considerarmos que 4% provêm da limpeza do Corte Noroeste na Área 2, e que por esse motivo não foram considerados.

O quadro seguinte sistematiza a informação cronológica :

Estes materiais serviram, no entanto, para datar e, em alguns casos, precisar

representadas na u.e. 176 da Fase VIIIb, na u.e. 81, e na u.e. 26 da Fase IXb e na u.e. 6 da Fase XII. Estão igualmente representadas na u.e. 28 e na u.e. 64 da Fase Xa, na u.e. 7 e na u.e. 12 da Fase Xb e na u.e. 99 da Fase XI. As tigelas encontram-se representadas somente na u.e. 26 da Fase IXb, sendo os restantes exemplares provenientes da limpeza do Corte Sudoeste e do Corte Noroeste.

Fase	EU	Forma indeterminada	Prato	Taça	Tigela
S/ contexto		49	63	5	2
VIIIb	176		2	3	
IXa	173		1		
IXb	26	4	7	2	1
	29		2		
	81			1	
	84		1		
Xa	28	1	5	1	
	36	2	3		
	64			1	
	83		1		
Xb	7	2	1	1	
	12	1	4	2	
XI	3		1		
	99			2	
XII	6	18	21	4	
	8	2	1		
Total		79	113	22	3

FASE	u.e.	CRONOLOGIA	N.º DE ACHADO
VIIIb	153	1433-1438	331
VIIIa	171	1457	288
		1448-1449	271
		1248-1279	287
VIIIb	176	1.ª Metade do Século XVII.	311
IXb	26	Século XVII	99n
		Século XVII	99b
		Século XVII	89
	81	Século XVII	251
IXa	28	Século XVII	95
	59	1448-1449	231
	64	1.ª Metade do Século XVII.	240
	88	1433-1580	254
Xb	12	Século XVII	79
		Século XVII	74
XI	76	1557-1578	236
	82	1433-1580	270
	99	1.ª Metade do Século XVII.	246
XII	6	Finais do Século XVIII	38º
		Século XVII-XVIII	38l
		Século XVII-XVIII	43u
	8	Século XIX	59

A ATRIBUIÇÃO CRONOLÓGICA DESTE FASEAMENTO CENTROU-SE NA FASE VIIIa, MOMENTO DE CONSTRUÇÃO DAS ACTUAIS PAREDES DA ERMIDA

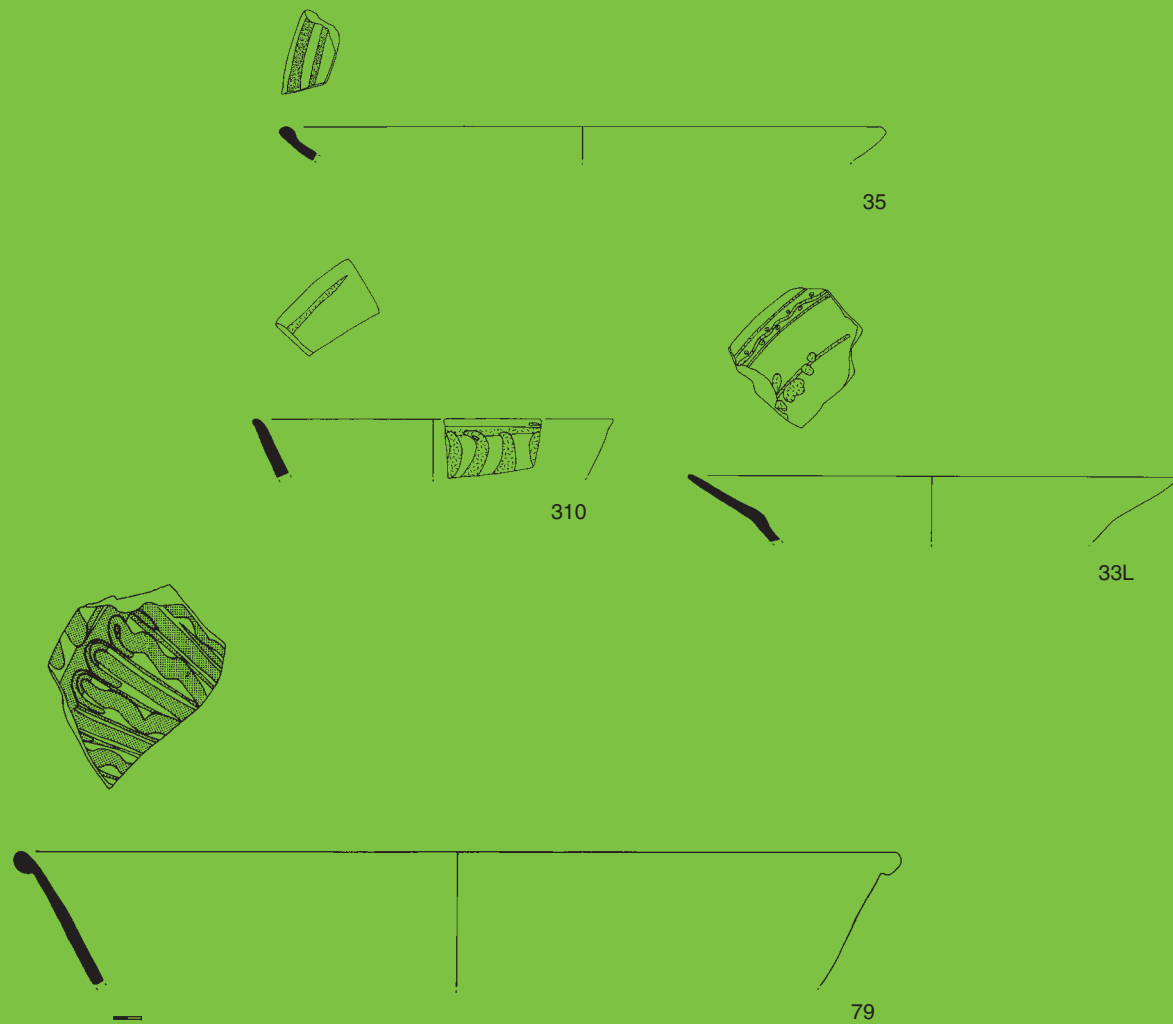


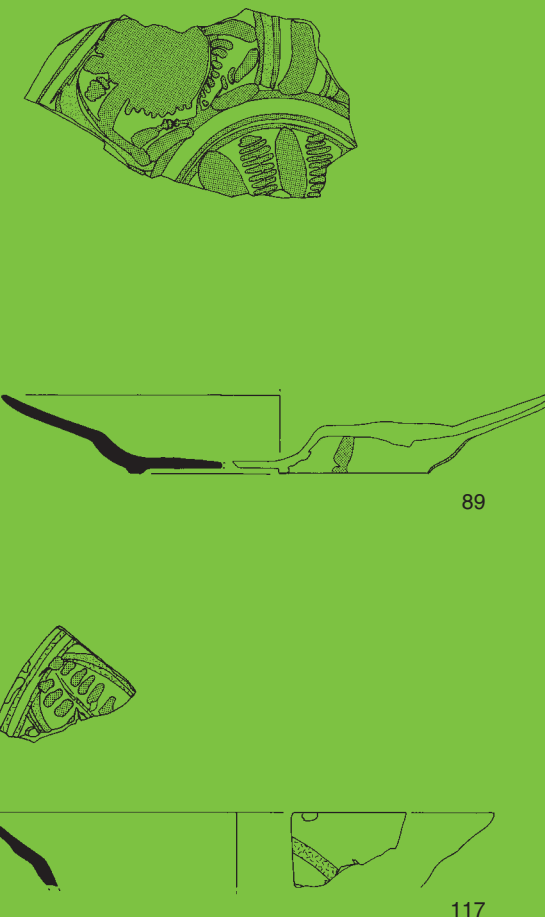
Figura 4
Achados n.º 35, 310 e 33L
da Ermida do Mártir Santo

Figura 5
Achado n.º 79
da Ermida do Mártir Santo

Figura 6
Achado n.º 89
da Ermida do Mártir Santo

Figura 7
Achado n.º 117
da Ermida do Mártir Santo

Esc. 1/3



o faseamento que resultou da análise estratigráfica do sítio (Ferreira & Macedo, 2000). A atribuição cronológica deste faseamento centrou-se na Fase VIIIa, momento de construção das actuais paredes da Ermida (*idem*, 78-9 e 85), que foi interpretada como correspondendo à construção da Ermida, referida na documentação e datada de 1576. Os dados cronológicos aqui apresentados permitiram esclarecer melhor a diacronia do sítio, dividida primeiro por aquela data.

A Fase IIIb apresenta uma única datação, que a coloca na 1.ª metade do século XV, o que não só é consentâneo com a atribuição da Fase VIIIa ao último quartel do séc. XVI, como permite afinar a cronologia das Fases III a VII, atribuindo-as ao período que decorre de meados do séc. XV a inícios do séc. XVI.

Assim, a construção original da Ermida, testemunhada pela Fase VI, terá

A CONSTRUÇÃO ORIGINAL DA ERMIDA, TESTEMUNHADA PELA FASE VI, TERÁ OCORRIDO PROVAVELMENTE NOS FINAIS DO SÉC. XV

ocorrido provavelmente nos finais do séc. XV (Ferreira & Macedo, 2000, 77).

Na Fase VIIIa, os materiais recolhidos na u.e. 171 forneceram as únicas datações para esta fase. Não há, no entanto, qualquer coerência entre as datações fornecidas, que se situam entre meados do século XIII e meados do século XV. Este facto permite-nos afirmar que os materiais recolhidos se encontram em contextos secundários de deposição.

A informação cronológica fornecida pelos materiais não é coerente com a interpretação estratigráfica, que coloca esta fase no século XVI (fase de remodelação da Ermida), o que se

explica por a u.e. 171 ter sido formada por sedimentos originários em contextos mais antigos. Note-se que esta fase é caracterizada pela abertura de várias valas, tendo a construção da vala 12, cuja função não foi possível identificar, destruído a u.e. 151, depósito da Fase VI (*idem*, 78-9).

A Fase VIIIb apresenta uma única datação proveniente de um fragmento de faiança atribuído à primeira metade do século XVII, recolhido na u.e. 176. Tendo em consideração que a Fase IXa data de meados do século XVIII (cf. *infra*), e que a fase anterior é cronologicamente atribuída ao século XVI, como já foi referido, é possível afinar a cronologia desta fase e da Fase VIIIc, colocando-as nos inícios do século XVII. O que faz sentido se tivermos em consideração que na Fase VIIIa se dá o segundo momento de reformulação da Ermida, em 1576, e que se atribui à Fase VIIIb o momento de utilização deste novo espaço e à Fase

É NA FASE IXa QUE SE DÁ A CONSTRUÇÃO DA ACTUAL SACRISTIA E DO AQUEDUTO QUE ATRAVESSA A ÁREA ESCAVADA, NO SENTIDO NE-SW

VIIIc, um momento de destruição de estruturas que tinham sido erguidas na Fase VIIIa (*idem*, 80).

Os materiais provenientes das fases IXb, Xa, Xb e XI não apresentam cronologias posteriores ao séc. XVII.

Os materiais recolhidos na Fase IXb foram todos atribuídos ao séc. XVII, o que permite considerar esta fase, assim como a Fase IXa, dos meados do séc. XVII, já que a Fase VIIIc foi datada dos inícios do mesmo século.

A Fase Xa apresenta quatro datações, uma das quais não pôde ser utilizada por se tratar da datação de um ceitel cujo reinado não foi identificado,

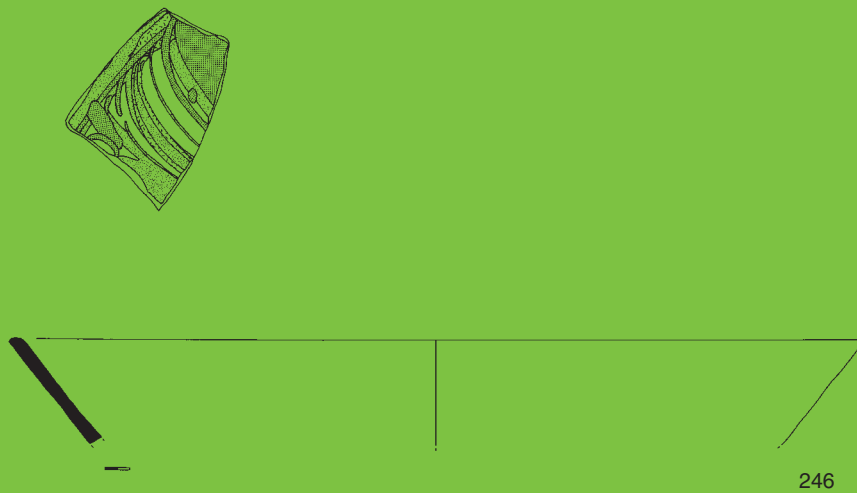


Figura 8
Achado n.º 246 da Ermida do Mártir Santo

Esc. 1/3

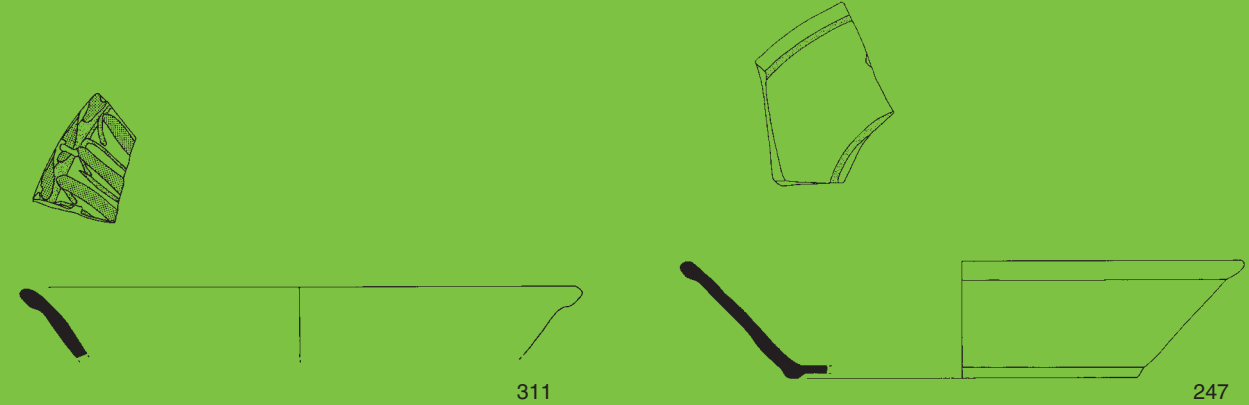


Figura 9
Achado n.º 247 da Ermida do Mártir Santo

Figura 10
Achados n.º 311 da Ermida do Mártir Santo

Esc. 1/3

14 pelo facto de os elementos tipológicos existentes nas faces se encontrarem muito desgastados. Os restantes materiais exumados, resumem-se a uma moeda proveniente da u.e. 59, e a dois fragmentos de faiança, um proveniente da u.e. 28 e outro proveniente da u.e. 64. Estes materiais não oferecem uma coerência cronológica, uma vez que fornecem datações entre meados do século XV e século XVII. Como o achado mais recente foi classificado da 1.ª metade do século XVII, atribuiu-se esta fase ainda ao séc. XVII.

Na Fase Xb também foram recolhidos na u.e. 12, depósito que forma o Pavimento 9, dois fragmentos de faiança datáveis do século XVII.

A Fase XI apresenta três datações, uma das quais não pôde ser utilizada por se tratar da datação de um ceitel cujo reinado não foi identificado. Os restantes materiais exumados resumem-se a uma moeda recolhida na u.e. 76, datada de meados do século XVI, e a um fragmento de faiança recolhido na u.e. 99, datado da primeira metade do século XVII.

Como a u.e. 12 é um pavimento de terra batida, é possível considerar que

os materiais aí recolhidos se encontrem em posição secundária de deposição, e assim datar a construção deste pavimento do séc. XVIII, datando assim a Fase Xb. A Fase XI teria também de ser considerada ainda do séc. XVIII, pois os materiais desta fase, claramente em contextos secundários de deposição, também não apresentam cronologias posteriores à 1.ª metade do Séc. XVII.

É na Fase IXa que se dá a construção da actual Sacristia e do Aqueduto que atravessa a área escavada no sentido NE-SW (*idem*, 80). As áreas adjacentes ao Aqueduto são entulhadas na Fase IXb (*idem*, 81-2). As Fases Xa e Xb caracterizam-se pela utilização doméstica do espaço definido pelo Aqueduto, Sacristia e Ermida (*idem*, 82--3). Na Fase XI este espaço perde as suas funções domésticas com a construção de uma escada exterior de acesso ao púlpito da Ermida (*idem*, 81-82).

Na u.e. 6 da Fase XII foram recolhidos dois fragmentos de faiança atribuídos aos séculos XVII-XVIII e um fragmento de faiança dos finais do século XVIII. Na u.e. 8 da mesma fase foi recolhido um fragmento de faiança, provavelmente da fábrica de loiça de Sacavém, datado do século XIX. Estes materiais encontram-se em contexto

secundário de deposição. A Fase XII, de entulho do Aqueduto e Conduto (*idem*, 84) foi então atribuída ao séc. XIX.

O facto de se ter recolhido uma moeda atribuível ao séc. XIII (achado n.º 287), ainda que claramente em contexto secundário de deposição, permite levantar a hipótese de que a ocupação deste sítio possa recuar pelo menos a esta data, ainda que não se possa atribuir a este período nenhum contexto. Os dados disponíveis só permitem afirmar que as Fases I e II serão anteriores ao séc. XV, não sendo possível precisar melhor a sua cronologia.

A interpretação estratigráfica publicada em Ferreira & Macedo, 2000, e os dados cronológicos aqui apresentados permitem caracterizar, ainda que de forma lacunar, a ocupação do espaço ocupado pela Casa da Ermita da Ermida do Mártir Santo, Vila Franca de Xira.

Assim, este espaço, é ocupado pelo menos, desde a Idade Média (séc. XIII?) até à actualidade, tendo sido possível identificar 5 fases de ocupação anteriores à fundação da Ermida, que se terá dado nos finais do séc. XV (Fase VI). O espaço em questão seria aberto até à Fase Va, e só terá uma utilização

ESTE ESPAÇO É OCUPADO, PELO MENOS, DESDE A IDADE MÉDIA (SÉC. XIII?) ATÉ À ACTUALIDADE

doméstica assegurada a partir da Fase Vb. Nos inícios do séc. XVI as estruturas domésticas serão dotadas de um sistema de canalização subterrâneo (Fase VII).

No último quartel do séc. XVI a Ermida é remodelada, assim como o sistema de canalização (Fase VIIIa). Foi identificada nova ocupação doméstica posterior a esta remodelação e atribuída aos inícios do séc. XVII (Fase VIIIb).

Em meados do mesmo século é construída a sacristia e este espaço é agora servido por um aqueduto, sistema hidráulico (Fase IXa), de cariz público. É também identificada uma nova fase de utilização doméstica do espaço (Fase Xa). Seguem-se outras duas fases de ocupação datadas do séc. XVIII (Fases Xb e XI). No séc. XIX o Aqueduto é desactivado (Fase XII). As Fases XIII e XIV (Ferreira & Macedo, 2000, 84-5) foram atribuídas ao séc. X.

Bibliografia

ASSUNÇÃO, A. P.
1997: *Fábrica de Loiça de Sacavém. Contribuição para o estudo da indústria cerâmica em Portugal 1856 - 1974*,

